



## O LÍRIO MURMURANTE: UMA TRADUÇÃO DE *THE MOANING LILY*, DE EMMA VANNE<sup>1</sup>

Felipe Leibold

### Felipe Leibold

Mestrando em Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. (UERJ).

Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior. (CAPES).

Graduado em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6591533787183967>.

**Resumo:** “O lírio murmurante” é uma tradução do texto “The moaning lily”, de Emma Vanne, originalmente publicado na revista de ficção científica *Wonder Stories*, em maio de 1935. Uma breve apresentação contextualiza o pouco que se sabe da autora e introduz as temáticas do conto. Nesta pequena narrativa de eco-horror, o narrador reencontra Carl Brense, um brilhante colega dos tempos de faculdade. Carl é um botânico renomado que, após uma viagem ao Brasil, retorna com um espécime excepcional.

**Palavras-chave:** Eco-gótico. Eco-horror. Híbrido. Conto. Tradução.

**Abstract:** “O lírio murmurante” is a translation of “The moaning lily”, a short story by Emma Vanne, originally published in the science fiction magazine

---

1 Título em língua estrangeira: The Moaning Lily by Emma Vanne: a Translation.

Wonder Stories, on May, 1935. A brief introduction contextualizes the little that is known of the author and presents the story's central themes. In this short eco-horror text, the narrator reunites with Carl Brense, a brilliant old colleague from college. Carl is a renowned botanist that returns from a trip to Brazil with an exceptional specimen.

**Keywords:** Botanical Gothic. Eco-horror. Hibridism. Short fiction. Translation.

## APRESENTAÇÃO

“The moaning lily”, originalmente publicado na revista de ficção científica *Wonder Stories*, em maio de 1935, configura-se, ao que tudo indica, como uma das poucas publicações ficcionais de Emma Vanne. Senão a única. Em verdade, pouco se sabe sobre a autora para além da própria *Wonder Stories*, com as demais informações biográficas sendo retiradas de uma carta no final da edição de julho de 1935. Nesta carta, Vanne menciona trabalhar com escritos não-ficcionais, portanto provavelmente como jornalista, e oferece como endereço a cidade de Westfield, em Nova Jersey.

O teor da carta indica uma familiaridade com a revista em questão e com a ficção científica como um todo. Em um de seus principais pontos, Emma Vanne argumenta que, as melhores histórias de FC não funcionam muito bem “nas telonas”, pois são menos “pictóricas”. As narrativas as quais ela se refere teriam filosofias que necessitam do auxílio da palavra para serem explicadas, e, como ela mesmo aponta, se vociferadas em um diálogo, por exemplo, não seriam tão interessantes: “Sinto que o princípio da ficção científica se degeneraria na telona, virando apenas explosões de espaçonaves e máquinas gigantes, e você

sabe que isso não iria ilustrar adequadamente as melhores partes de suas histórias.”

Resgatado em antologias recentes como *The Female Short Story: A Chronological History* (2021) e *Evil Roots: Killer Tales of the Botanical Gothic* (2019), o conto de Vanne traduzido a seguir passa longe de explosões e máquinas gigantes. “The moaning lily” utiliza elementos da poética gótica — a morbidez, a obsessão, os limites do humano — com os pés no chão, enraizados até demais no solo.

\*\*\*

## O LÍRIO MURMURANTE

Emma Vanne (*Wonder Stories*, maio de 1935)

Tradução de Felipe Leibold

Quando Carl Brense, notório frequentador de Harvard, Oxford, Heidelberg e afins, adotou a botânica como carreira, nós, seus colegas, não ficamos surpresos. Havia algo no porte esguio e rosto sensível do homem que remetia à flores e temas idílicos. Seus olhos acinzentados eram grandes e profundos, e seus contornos bem definidos como os de um Dante. E quando sorria, era apenas um ato passageiro e condescendente para com a materialidade sufocante do mundo exterior.

Por cinco anos desde que nos formamos, não encontrei Carl. Então, um dia, cruzei com ele em uma exposição de floricultura em Nova Iorque. Ele estava plantado tal qual uma estátua, em pé ao lado de deslumbrantes rosas e ervilhas-de-cheiro. Cumprimentei-o carinhosamente e ele ficou muito satisfeito em me ver.

“Meu Deus,” exclamei sinceramente, absorvendo as maravilhas exibidas, “eu nunca tinha visto flores com cores tão

exóticas assim. Aquela rosa violeta com suas folhas de limão! E aquelas ervilhas prateadas! Não à toa elas ganharam prêmios! Como você consegue?”.

“Ah, tudo é simples para aquele que tem conhecimento”, disse Brense, inabalável. “Fiz um estudo minucioso acerca da enxertia em plantas e estou organizando um livro sobre o assunto. Ganhei milhares em premiações”.

“Olha só!”, comemorei. “Você está *mesmo* levando isso a sério. Morando por aqui?”.

“Não,” Brense respondeu. “Tenho um pequeno chalé perto dos penhascos de Jersey. Lá eu cultivo um amplo jardim, distante da confusão urbana”.

Ele retirou um cartão de seu bolso, escreveu nele seu endereço e me entregou.

“Gostaria de te ver mais, Crale”, ele disse. “Estou muito solitário”.

Daí em diante, Brense e eu nos tornamos amigos próximos e eu pude observar de perto o quão intenso ele era em sua devoção aos raros espécimes florais.

Então, em um bruto dia de novembro, o homem repentinamente desapareceu. Fui até seu chalé e encontrei o local fechado e silencioso. Um velho caseiro, seu criado, vagava pelo jardim de Carl e levantou o olhar mecanicamente quando me aproximei.

“Ah, senhor Crale, um prazer vê-lo aqui”, disse o velho, mancando até mim. “O senhor Brense lhe deixou uma carta. Aqui está”.

Eu peguei a carta de sua mão e comecei a lê-la.

“Estou indo ao Brasil,” escreveu Carl, “na aventura mais empolgante de minha vida. Sua flora tropical é uma das mais instigantes do mundo e preciso estudá-la. Eu produzirei uma flor que irá chocar a humanidade — você verá. Essa ambição incontrolável aquece por completo o meu corpo. Se Deus quiser, quando voltar exibirei um super-espécime totalmente único. Nada mais importa”.

Bem, então era isto. Carl Brense havia partido. Deixei o chalé de pedra, voltando aos meus aposentos de solteiro na cidade. Assim um ano se passou.

E tão repentinamente quanto se foi, Brense retornou. Dirigindo a esmo em um domingo, passei pela familiar estrada de pedra perto dos penhascos e me vi, por força do hábito, caminhando em direção ao chalé. Era maio e, através dos grandes ulmeiros que cobriam a casa de Carl, eu pude vislumbrar uma parte de seu jardim já radiante com suas flores coloridas.

Estacionei meu carro em frente ao pequeno portão de ferro e caminhei cautelosamente pela trilha de cascalho que levava em direção ao chalé de pedra. Tulipas dançantes dos mais surpreendentes tons acariciavam meus pés ao longo do caminho. Sentia-me ansioso pois a morada de Carl sempre fora como um santuário para mim e eu nunca havia pisado nela sem ficar estranhamente afetado.

Interrompi minha caminhada quando percebi, elevando-se sobre o gramado à direita, uma figura sombria de contornos indefinidos. O rosto acima do espectro era o de Carl Brense, mas seu corpo estava coberto dos pés ao pescoço por um longo e volumoso manto preto. Ele locomovia-se quase flutuante

pela grama, com sua pomposa capa arrastando-se atrás dele e envolvendo-o completamente.

“Jesus”, exclamei. “Você me deu um susto. Virou um monge ou algo assim? Por que esse manto gigante?”.

Carl Brense apenas estendeu sua mão direita para fora de sua capa e sorriu cordialmente. Evidentemente, ele preferiu ignorar meu comentário acerca de seu manto.

“E seu rosto!”, continuei alarmado. “Está parecendo um fantasma! Você deve estar doente!” E eu estava de fato preocupado, pois as feições do homem eram amareladas, com sombrias e profundas olheiras abaixo de seus cavernosos olhos. Sua mão esquerda, que vislumbrei rapidamente, estava coberta de veias saltantes, marrons ao invés de azuis! A visão era perturbadora.

“Vamos para dentro,” disse Carl sussurrante. “É ótimo vê-lo novamente. Fale-me sobre você”.

“Fale-me sobre *você*, quer dizer,” eu devolvi. “Se tem estudado a flora do Brasil, seus esforços claramente não estão lhe fazendo bem. Deus! Não consigo aceitar esse seu semblante!”.

Estávamos, agora, sentados na sala de Carl. Eu acendi um cigarro, mas ele não quis fumar, e apesar de ser um dia quente, ele manteve seus panos desajeitados enrolados em seu corpo.

“Eu encontrei minha flor, Crale”, ele disse orgulhosamente, de olhos marejados. “Será exibida amanhã no Show de Floricultura. E acredite quanto te digo que virará o mundo de cabeça para baixo”.

“Inacreditável!” eu insisti. “Deixe-me ver”.

“Agora não. Você verá amanhã,” Brense disse, firme. “Estou muito doente, Crale, mas consegui trazer de volta esse espécime memorável. Eu chamo de “o lírio murmurante”.

“Ah, Carl,” eu implorei, “por que diabos você vai se acabar apenas para exibir uma nova flor! E, Deus, tire essa capa horrorosa. Não estamos na Idade Média. Você está em Nova Iorque”.

Mas Carl não respondeu. Ele somente se contorceu, suas pálpebras caindo sobre os olhos. Então ele respirou profundamente, como em grande dor, e pensei tê-lo escutado gemer. Ele se levantou e, em movimentos visivelmente trabalhosos, se dirigiu à porta. Eu compreendi que ele desejava que eu fosse embora.

“Você não pode perder a exibição amanhã”, ele disse educadamente. “Esteja lá às dez. Eu vou estar na cabine vinte. E então você verá o lírio murmurante”.

“Está bem, eu estarei lá, não se preocupe,” eu prometi. “Mas, contenha-se, Brense, saia desse estado. Seja você mesmo! Não suporto vê-lo assim, parecendo um monge franciscano. Um homem de tamanha inteligência dobrando-se para religião! Nossa!”.

“Não estou me dobrando para religião alguma”, Carl assegurou-me com paciência. “Não posso explicar agora, Crale, mas eventualmente você saberá do que se trata tudo isso”.

\*

No dia seguinte, cheguei ao Show de Floricultura e fui imediatamente à cabine vinte. Brense já estava lá, sentado em frente às suas exposições, perto do amontoado de espectadores. Uma quantidade considerável de pessoas havia se aglomerado em torno dele, e sem mistério do porquê.

A visão do enorme e fino monge seria o suficiente para atizar a curiosidade de qualquer um, mas não era apenas isso. Envolvida na depressão de seu cotovelo esquerdo, com seus longos e ossudos dedos gentilmente segurando a folhagem, estava uma larga e imponente planta. Três ou quatro grandes e rebeldes folhas sobre um robusto e grosso caule, e, crescendo deste, um lírio rosa-bebê, cônico como o lírio da Páscoa, mas de pétalas com curvaturas carmim ao invés de brancas, e com o centro do mesmo potente vermelho. Além disso, o broto que vinha deste centro era rubro e apresentava-se para o mundo como uma longa e atenuada língua. Era uma estranha imagem e todos os olhos estavam grudados nela. Eu observava igualmente hipnotizado. Jamais havia contemplado coloração tão exótica.

O rosto de Carl estava imóvel e severo enquanto o público admirava, e ele apenas fixou o olhar em algum ponto distante quando o apresentador à sua direita começou a descrever a nova maravilha, vociferando sensacionalismos pomposamente.

“Aqui,” ele anunciava, “temos uma das mais estranhas flores de todos os tempos. Imagine um lírio branco com um broto e centro vermelhos. É embasbacante! E não acaba por aí! Chegue mais perto e observe que a abertura do lírio é assustadoramente parecida com uma boca humana! Na realidade, ela é uma boca humana! Conseguimos ver claramente dois lábios rubros com uma imensa língua no meio!”.

A multidão se aglomerou mais perto, impressionada.

“E *agora*,” continuou o apresentador, “aproximem-se e *escutem*, escutem *atentamente*, escutem este lírio *gemer*!”.



Dito e feito! — das profundezas da flor escapou um lânguido e insistente lamento, e enquanto se propagava, Carl Brense permanecia estático, sentado com seus olhos tristes encarando vagamente o espaço.

Os espectadores ficaram fascinados. Havia algo de grotesco sobre tudo aquilo. Ora, os “lábios” do lírio haviam certamente se movido e a “língua” vermelha que se projetava do centro havia de fato vibrado junto à propagação do curioso som.

Repelido e maravilhado, o público lentamente recuou. O pálido e espectral monge com seu olhar profundo parecia a encarnação de um santo sofredor. Seus espectadores abaixaram a voz. Era como se estivessem invadindo algum tipo de santuário.

O apresentador, insensível, convidou o público a sentir a flor, mas o convite foi recebido com repulsa. Eles mantiveram a distância como crianças curiosas. Somente eu me aproximei e acariciei as pétalas de marfim e os lábios que pendiam sobre elas. Eles eram bulbosos como um coração ensanguentado. As pétalas de flor sempre me pareceram carnavais ao toque, mas este lírio era especialmente vivo.

No entanto, eu estava preocupado principalmente com Carl, então me virei em sua direção.

“Saia daí, Brense,” eu disse incisivamente, ainda que tenso no fundo. “Deixe seu lírio murmurante e venha para casa. Você parece um cachorro moribundo”.

Mas Carl sequer revirou os olhos. Então o apresentador seguiu:

“O senhor Carl Brense é o botânico mais renomado de sua época. Seu êxito, nas experimentações de enxertia em flores,

fizera-o figura proeminente no campo, e este mais novo espetáculo é, sem dúvidas, seu marco triunfante. Sendo assim, senhoras e senhores, este lírio murmurante acaba de ganhar primeiro lugar na competição, não apenas por sua coloração extremamente bela, mas também pelo peculiar e inexplicável som que vem de seu centro. Esta flor, em verdade, é sobrenatural, e é tão valiosa que o senhor Brense sequer se permite deixá-la sozinha. Ele a leva para casa toda noite e nunca a desgruda do olhar”.

O apresentador começou a vender fotografias do monge e do lírio aos compradores empolgados. Com a confusão dissipada, Carl Brense ergueu-se e seguiu se arrastando para a saída da cabine. Ele estava completamente exausto e ansioso para partir, mas eu bloqueei seu caminho. Sua expressão caída me assombrou.

“Não carregue essa planta esquisita para casa,” eu implorei. “Deixe-me levá-la para o meu apartamento, aqui perto. Ela estará perfeitamente segura”.

Mas Carl se virou para mim com um olhar peculiarmente selvagem e endireitou-se fazendo valer toda a imensidão de sua altura.

“Não se meta, Crale,” ele disse severamente. “Eu preciso levar minha planta comigo. Não se preocupe. Obrigado e boa noite”.

Então eu o deixei. “Carl está fora de si,” pensei lamentando. “Ele está indo longe demais. Isso é fanatismo”.

Naquela noite, o telefone tocou. Era a voz perturbada de Kito, o criado de Carl. “Venha rápido para o senhor Brense!”, exclamou o caseiro. “Ele está morrendo e pedindo por você, senhor Crale”.

“Estarei logo aí,” respondi.

Foram uns bons quarenta minutos do meu apartamento ao lado da Ponte George Washington até o pequeno chalé de pedra perto dos penhascos, mas consegui ter paciência e manter a mente sóbria. Brense tinha um segredo para me contar, eu sabia... provavelmente o mistério do lírio murmurante.

Kito me recebeu na porta, suas mãos trêmulas e a voz vacilante.

“Que bom ter vindo!” ele bradou.

“E aí, o que aconteceu?” eu perguntei impaciente. “Algum acidente?”.

“Eu não sei,” disse um Kito ofegante. “Quando o senhor Brense retornou da exibição, ele estava com a cara da morte. ‘Kito’, ele me disse, ‘vá até o açougueiro agora e me traga um litro de sangue’. Eu estava correndo para lá quando vi o senhor Brense escrevendo aflitadamente uma carta. Bem, o açougueiro achou que eu era louco, mas eu consegui o sangue. Quando voltei ao chalé, o senhor Brense colocou o sangue em um grande vaso de vidro. Ele pegou a carta que havia escrito e enfiou em seu bolso. Então me olhou friamente e ordenou que eu saísse do quarto. Voltei alguns minutos depois, quando ele me gritou, e o encontrei — entre, senhor Crale, e veja por você mesmo”.

Eu segui Kito até o quarto de seu patrão. Apoiado na mesa estava um grande vaso preto, sustentando o lírio murmurante, enquanto Brense deitava encolhido em sua cama. Ele havia evidentemente caído nela, vestido com sua habitual e inevitável capa. Fui até ele, alarmado. Não havia dúvidas de que o homem estava morto, pois os olhos fixavam-se rígidos no teto. Eu gentilmente os fechei. Abri a frente de seu manto e a carta caiu. Ela estava manchada de sangue, vindo de uma ferida em seu braço esquerdo. Nervoso, eu

agarrei o pedaço de papel. Estava endereçado a mim, então o abri e, com um gélido calafrio percorrendo meu corpo, comecei a ler seu conteúdo:

“E assim, querido amigo”, dizia a carta, “eu decidi estudar essa curiosa planta carnívora do Brasil, essa planta que arrasta para si insetos ou pequenos seres e então suga deles seu sangue, um legítimo animal preso ao solo. Depois que cheguei ao local e comecei a analisar as estranhas propriedades de seu crescimento, eu fui absolutamente acometido, Deus me perdoe, do mais horrível impulso. Eu estava obcecado. Enxerto! Enxerto! A palavra a todo momento inundando meu cérebro”.

\*

“Eu sempre amei animais, portanto nunca tive a frieza de testar meus experimentos em nenhum deles. Além de que eles provavelmente morreriam cedo demais. Mas eu *precisava* enxertar aquela planta carnívora em algum outro ser também carnívoro. A ideia estava me consumindo, e ali eu soube que eu deveria enxertá-la em mim mesmo. Eu havia lido sobre a incrível resistência física de certos homens que foram capazes de cortar seus próprios membros para sobreviver à mordida de cobras venenosas. Então, eu pensei, por que não poderia eu também suportar tamanho sofrimento, em razão de uma causa extraordinária?

Assim, com uma determinação implacável e toda a habilidade que anos de experimentações me deram, eu transplantei o caule dessa planta carnívora na parte superior de meu braço esquerdo. Como ela criava um volume um tanto inconveniente, fui obrigado a escondê-la do olhar público, me cobrindo com uma

volumosa capa preta, larga o bastante para permitir que a planta respirasse tranquilamente. Protegido de olhares indiscretos, eu aguardei os resultados.

Rapidamente, junto a uma terrível dor, as raízes começaram a se firmar. A planta iria realmente viver! E dali em diante, eu permaneci no paradoxal estado de sofrimento físico combinado ao maior êxtase intelectual.

Diariamente, eu observava as raízes se espalhando por debaixo de minha translúcida pele. Elas rastejavam visivelmente pelos meus ombros, sob os meus braços, pressionando-se para fora como ásperos dedos gananciosos. Com um sutil e ardiloso aperto, envolveram meu peito esquerdo, e eu soube com certeza absoluta que quando atingissem meus pulmões ou coração, eu morreria. Mas eu não me importei. Tudo que eu queria era a minha nova flor, e o meu único medo era de que o broto não tivesse tempo de florescer antes que minha morte finalizasse o experimento. Porém eu fui permitido sobreviver, e por tal eu fiquei imensuravelmente agradecido.

Então, duas semanas antes da data na qual eu sabia que a flor iria aparecer, retornei para casa, pois eu havia calculado o florescer completo visando o dia do Show de Floricultura.

E com quanto zelo eu observei meu tesouro se revelar! A flor original lembrava, de alguma forma, um lírio, então não fiquei surpreso com o novo lírio que finalmente materializou-se. Porém eu estranhei quando percebi que a abertura do lírio era uma réplica perfeita de uma boca humana. Por meses, eu gemi e murmurei quando não havia ninguém por perto, portanto era apenas lógico

que a nova flor refletisse materialmente meu órgão mais ativo. E lá estava aquele maravilhoso carmim dos lábios e uma língua real projetando-se do centro! Eu estava completamente realizado!

Então, um dia, quando o lírio estremeceu e verdadeiramente murmurou, bem, minha satisfação foi indescritível. Eu não esperava nada parecido! Minhas esperanças mais distantes haviam se concretizado. Eu esqueci de minhas dores físicas e dos impulsos desesperados que eu havia tido de arrancar a flor de meu corpo. Ao invés disso, eu abracei-a paternalmente e fiquei terrivelmente preocupado em ter de transplantá-la agora, com medo de que morresse antes que milhares pudessem vê-la e ficar boquiabertos com sua perfeição.

Minha glória, porém, teria vida curta, pois hoje, quando a flor estava no auge de sua beleza, eu percebi que minha morte era iminente, uma questão de poucas horas. Minha gloriosa parasita havia me drenado! E parecia haver, ainda, uma leve fraqueza do próprio lírio. Seu destino, é claro, estava atrelado ao meu. Portanto, eu estava ansioso para chegar em casa e poder rejuvenescê-lo.

Mandeí por um litro de sangue, que, com pressa, despejei no vaso de vidro. Então eu cortei de meu braço o caule primário da planta e o coloquei no vaso. Eu escolhi vidro pois eu queria que quem visse soubesse que o lírio estava em sangue ao invés de água. Assim nutrida, a flor pode durar mais ou menos uma semana.

Portanto, meu querido amigo, leve-a de volta à exibição. Eu quero milhares e milhares contemplando-a e elogiando sua perfeição. Não me decepcione, eu te imploro. Estou murchando rápido — é o fim”.

E assim era concluída a incrível confissão de Carl, com patéticas desculpas por ter me causado tamanha perturbação. E que perturbação! O mínimo que eu poderia fazer agora para o meu querido amigo era cumprir lealmente seu derradeiro pedido.

Então, no dia seguinte, com o coração pesado, eu levei o lírio murmurante de volta ao Grand Central Palace, onde eu o coloquei em solitário destaque sobre uma mesa, seu esplendor majestoso brilhantemente reverberando do grande vaso de vidro.

Antes, quando o monge segurava a flor, algum truque de ventriloquismo era a teoria dos espectadores mais céticos. Agora que o monge havia morrido, todos estavam convencidos de que o lírio de fato gemia sozinho. E tal qual Carl esperava, milhares vieram observá-lo, escutá-lo e se maravilhar.

No sétimo dia, a flor começou a perecer. Ela encolheu rapidamente de tamanho e o público, como de costume, chegou mais perto. De repente, enquanto contemplavam-na, seus “lábios vermelhos” abriram em um espasmo final de vida, emitindo um grito particularmente estendido, um som amaldiçoado que podia ser ouvido a quilômetros de distância. A multidão recuou, assustada por algo que não sabia apontar, alguns dos mais supersticiosos chegando a se benzer.

Finalmente, a flor estremeceu pela última vez e desmoronou em uma massa enrugada, com seu peso inteiro pendendo sobre seu robusto caule marrom. O milagre chegara ao fim.

Porém a fama de Carl Brense e sua super-flor espalhou-se pelo globo. Mas a qual custo, se havia ele morrido? Os indígenas fanáticos caminhando descalços sobre carvão em chamas e facas

afiadas não são páreo para *ele*, meu pobre e doentio amigo que suportou, por longos e torturantes meses, em seu sufocante manto negro, a guarda zelosa de seu precioso lírio murmurante.

\*\*\*

## THE MOANING LILY

Emma Vanne (*Wonder Stories*, May 1935)

When Carl Brense, exponent superior of Harvard, Oxford, Heidelberg and what not, took up botany as his life profession, we, his class-mates, were not in the least surprised. There was something about the man's tall, very thin frame and lean sensitive face that suggested flowers and subjects idealistic. His grey eyes were big and soulful and his features sharply chiselled like those of a Dante. And when he smiled, it was only a fleeting condescension to the distressing materialness of the surrounding world.

For five years after our graduation, I never set eyes on Carl. Then, one day, I ran across him at a flower show in New York City. He was standing like a sober statue alongside some ravishing roses and sweet peas. I greeted him affectionately, and he was really glad to see me.

"Heavens, man," I enthused wholeheartedly, taking in the marvellous exhibits, "I never saw such exotic colours in flowers before. That purple rose there with its lemon leaves! And those silver sweet peas! No wonder they have won prizes! How *do* you do it!"

"Oh, everything is simple to him who knows how", said Brense, unruffled. "I have made an exhaustive study of plant-



grafting and am compiling a book on the subject. I have won thousands in prizes”.

“Well, well!” I ejaculated. “You *are* taking it seriously. Live here?”.

“No”, answered Brense. “I have a little stone cottage near the palisades in Jersey. There I grow a good-sized garden far removed from city confusion”.

Then he took out of his pocket a card, pencilled his address thereon, and handed it to me.

“I would like to see more of you, Crale,” he said. “I am very lonely”.

So, from then on, Brense and I became close friends and I had ample opportunity for seeing how extremely intense he was in his devotion to rare floral specimens.

Then, one raw November day, the man suddenly disappeared. I went to his cottage only to find it shuttered and silent. An old caretaker, his man-servant, was mechanically puttering around Carl’s garden and looked up listlessly as I approached.

“Ah, Mr Crale, glad to see yez”, said the old man, hobbling toward me. “Mr Brense left a letter for you. Here it is”.

I took the letter and proceeded to read it.

“I am going to Brazil”, wrote Carl, “on the most exciting adventure of my life. The tropical blossoms down there are the most curious in the world, and I must study them. I will produce a flower that will shock mankind — just you see. This uncontrollable ambition has fired me consummately. God willing, I will return and exhibit a peerless super-specimen. Nothing else matters”.

Well, that was that. Carl Brense had gone. So I left the stone cottage and returned to my bachelor quarters downtown. And thus a year passed.

Then, just as suddenly as Brense had left, he came back one day. Driving aimlessly around, I happened to wander on a Sunday to the familiar acorn road near the palisades and found myself, by force of habit, approaching the little stone cottage. It was May, and through the tall elms that shadowed Carl's place I could glimpse a sector of his garden already aglow with its multicoloured blossoms.

I stopped my car in front of the low iron gate and cautiously walked up the gravelled path that led circuitously toward the cottage. Bobbing tulips of riotous hues caressed my feet as I proceeded. I was feeling strangely tremulous because Carl's abode had always seemed like a sanctuary to me and I never entered his premises without being curiously affected.

Suddenly I paused in my tracks, for emerging upon the lawn at the right was a tall, dark apparition of most indefinite outline. The face that topped the spectre was that of Carl Brense, but his figure was swathed from neck to toe in a long voluminous black cape. And he moved along evenly over the grass without any visible means of locomotion, his ponderous robe dragging around him and completely enveloping his limbs.

"God, man", I called out huskily. "You give me the jitters. Are you turned into a monk or something? Why the long monasterial robe?"

Carl Brense just extended his right hand from the folds of his cape and tolerantly smiled. He evidently preferred to ignore my comment concerning his robe.

"And your face!" I continued persistently distressed. "You look like a ghost! You must be deathly sick!" And I was truly worried, for the features of the man were a saffron yellow with deep, dark crescents under his cavernous eyes. His left hand, which I saw for a fleeting second, was covered with varicose veins, brown instead of blue! The sight was startling.

"Come into the house," said Carl quietly. "It's good to see you again. Tell me about yourself".

"Tell me about you, you mean," I remonstrated. "If you have been studying the flowers of Brazil, your efforts certainly have been doing you no good. Gosh! I can't get over the picture you present!".

We were by then sitting in Carl's lounge. I lit a cigarette, but he would not smoke, and though it was a warm day, he kept his clumsy draperies still swathed closely around his body.

"I have found my flower, Crale", said he portentously, his eyes glittering. "It goes on exhibition tomorrow at the Flower Show. And, mark you, it will take the world by storm".

"You don't say!" I exclaimed. "Let me see it".

"Not now. You will see it tomorrow," said Brense firmly. "I am very sick, Crale, but I have succeeded in bringing back here the most remarkable of specimens. I call it 'the moaning lily'".

"Aw, Carl", I pleaded, "why in heck will you ruin yourself just to show a new flower! And gad, take off that unsightly cape. This isn't the medieval age. You're in New York, man".

But Carl did not respond. He just twitched nervously, his eyes dropping a little. Then he breathed heavily as if in pain while I thought I heard him moan. At the same time, he arose from his seat

with a somewhat laboured motion and walked toward the door. I felt instinctively that he wanted me to depart.

“You must not fail to attend the show tomorrow”, he said politely. “Be there at ten. I will be in booth twenty. Then you will see the moaning lily”.

“All right, I’ll be there, don’t worry”, I promised. “But, hang it all, Brense, snap out of it. Be yourself! I can’t bear to see you looking like a Franciscan monk. A man of your brains falling for religion! Heavens!”.

“I am falling for no religion”, assured Carl solemnly. “I cannot explain now, Crale, but some day you will know what this is all about”.

\*

So, the next day, I repaired to the flower show and made straight for booth twenty. Brense was already there sitting in front of his exhibits down near the spectator line. Quite a few people had collected about him, and no wonder.

The sight of the tall, gaunt monk was enough to arouse anybody’s curiosity, but that wasn’t all. Hugged in the hollow of his left elbow, his long bony fingers gently holding the foliage, was a broad, dignified plant. There were three or four large scraggly leaves upon a thick stout stem, and growing out of the latter was a pale pink lily conical in shape like the Easter lily, but the curling lip of the petal was carmine instead of white and the centre was the same rich red. Also, the shoot coming up from the centre was red and looked for all the world like a long, attenuated tongue. It was a strange sight and all eyes were glued to the spot. I, too, gazed entranced. Never had I beheld such exotic coloring.

Carl's face was sternly immobile as the public gazed, and he just stared solemnly ahead as the barker at his right began orating on the new prodigy, chanting out in stereotyped phrases his dynamic description of the same.

"Here," he barked, "we have one of the strangest flowers of all time. Imagine a white lily with a red top and a red centre. It is dazzling! And that is not all! Step up closely and observe that the opening of the lily is remarkably like a human mouth! In fact, it *is* a human mouth! There are distinctly two red lips with a long tongue emerging between!"

The crowd pressed nearer and were properly impressed.

"And *now*," continued the barker, "come closer and *lis-ten* everybody, listen *intently*, and you will actually hear this lily *moan*!"

And surely enough! — from the depths of the flower's interior there issued a definite long drawn-out wail, and while it vibrated, Carl Brense still sat immobile, his sad eyes looking vaguely into space.

The spectators were spell-bound. There was something about the sight that was gruesome and uncanny. Why, the "lips" of the lily had certainly moved and the red "tongue" protruding from the centre had really quivered as the weird sound issued forth.

Repelled and awed, the public slowly drew back. The pallid ethereal-looking monk with his big sunken eyes looked like some long-suffering saint. His audience was hushed. It was as if the people were intruding on some sort of a shrine.

The barker, with proverbial callousness, invited the crowd to feel of the flower, but it seemed repulsive to them. They instinctively kept their distance like wide-eyed children. Only I approached and

stroked the deep ivory petals and the over-hanging lips. They were softly bulbous like the bleeding-heart. A flower's petals had always to me seemed fleshly to the touch, but this lily was especially so.

But I was principally interested in Carl, so I edged toward him.

"Get out of there, Brense", I said almost fiercely in a tense undertone. "Leave your moaning lily and come home. You look as sick as a dog."

But Carl paid no attention to me. Then the barker continued:

"Mr Carl Brense here is the most renowned botanist of his age. His successful experiments in the grafting of flowers have made him pre-eminent in this field, and this last wonder of his is undoubtedly his crowning achievement. Therefore, ladies and gentlemen, this moaning lily has won first prize not only for its extremely beautiful coloring, but because of the strange inexplicable sound that comes from its centre. In fact, this flower is supernatural, and is so valuable that Mr Brense will never leave it. He takes it home with him every night and never allows it out of his sight".

Then the barker proceeded to sell photographs of the monk and the lily to the eager buyers. This ordeal over, Carl Brense arose and sidled toward the exit of the booth. He was thoroughly fatigued and anxious to get away, but I pressed in on him. His pathetic expression haunted me.

"Don't lug that clumsy plant home", I begged. "Let me take it to my apartment near here. It will be perfectly safe".

But Carl turned on me, a peculiarly wild look in his eyes, and drew himself up with all the dignity of his six-feet-eight.

“Don’t interfere, Crale,” he said severely. “I must take my plant with me. Don’t worry about me. Thank you and good night”.

So I left him. “Carl must be beside himself,” I thought resentfully. “He is going too far. This is fanaticism”.

That night the phone rang. It was the excited voice of Kito, Carl’s man-servant. “Come quickly to Mr Brense!” cried the servant. “He is dying and is asking for you, Mr Crale”.

“I’ll be over right away,” I answered.

It was a good forty minutes from my apartment across the George Washington Bridge to the little stone cottage near the palisades, but I managed to have patience and keep my wits clear. Brense had a secret to tell me, I knew, probably the mystery of the moaning lily.

Kito met me at the door, his hands twitching and his voice quavering.

“So glad you come!” he wailed.

“Well, what’s happened?” I asked impatiently. “Accident?”.

“I don’t know”, panted Kito. “When Mr Brense got back from the show, he looked like death. ‘Kito’, says he, ‘go to the butcher without delay and bring me a quart of blood’. As I hurried off, I saw Mr Brense excitedly writing a letter. Well, the butcher thought I was crazy, but I got the blood. Then when I got back to the cottage, Mr Brense put the blood into a long, black vase. Then he took the letter he wrote and stuck it in his bosom. Then he looked coldly at me, sir, and ordered me from the room. When I came in a few minutes later in answer to his call, I found him — but step in, Mr Crale, and see for yourself”.

So I followed Kito into his master's bedroom. There on the table was a tall black vase, and in it towered the moaning lily, while Brense lay prone upon his bed. He had evidently flopped down upon it dressed as ever in his inevitable cape. Alarmed, I went over to him. There was no doubt that the man was dead, for his eyes stared up glassily at the ceiling. I gently closed them. I loosened his cape in front and the letter fell out. The latter was soiled with marks of blood coming obviously from a wound in his left arm. Eagerly I clutched the bit of paper. It was addressed to me, so I tore it open, and with a cold tremor permeating my body, I began to read its contents:

"And so, dear friend," said the letter, "I decided to study that strange carnivorous plant of Brazil, that plant that drags to itself insects or small animals and then sucks the blood out of them, a veritable animal bound to the soil. After I arrived at the spot and began to analyse the strange properties of the growth, I became suddenly inflamed, God help me, with a most odious impulse. I was obsessed. Graft! Graft! The word was forever running through my brain.

\*

"I have always loved animals, so I did not have the heart to try my experiment on any one of them. Besides, they might die too soon. But I *must* graft that carnivorous plant on to another thing that was also carnivorous. The idea was burning me up, so I knew then that I would graft it onto myself. I had read of the amazing physical fortitude of certain men who were able to cut off their own limbs to save themselves from death after a poisonous snakebite. So, reasoned I, why should I not be able to endure extreme suffering likewise, for a remarkable cause?



So, with grim determination and with the skill that years of experiment have given me, I grafted a stem of this carnivorous plant to my upper left arm. As the thing bulged rather inconveniently, I was obliged to conceal it from the public's view, so I covered myself with a voluminous black cape which was loose enough to enable the plant to breathe freely. Thus protected from prying eyes, I proceeded to await developments.

Soon, with the accompaniment of a deep, dull ache, the roots began to take hold. The plant was actually going to live! And from then on, I was in the paradoxical state of physical suffering combined with intellectual ecstasy.

Daily, I watched the stout roots spread under my thin transparent skin. They crawled along quite visibly, across my shoulder and under my arm, scrambling outwards like scrawny, greedy fingers. With a twiny, insidious grip, they embraced my left chest, and I knew positively that when they clutched at my lungs or heart, I would die. But I did not care. All I wanted was my new flower, and my only anxiety was that its sprouting stem might not have time to mature into a blossom before my death would end the experiment. But I was allowed to survive, and for that I was exceedingly thankful.

Then, just two weeks before I knew the blossom would appear, I returned home, for I had timed the full floescence with the date of the Flower Show.

And how zealously I watched my treasure unfold! The original flower resembled a lily somewhat, so I was not surprised at the new lily that finally materialised. But I did wince when I discovered that

the opening of the lily was a perfect replica of a boneless human mouth. For months, I had moaned and groaned when no one was near, so it was only logical that the new flower should reflect in substance my most materially active organ. And there was the amazing carmine of the lips and the actual tongue bursting from the centre! I was thrilled beyond measure!

Then, one day, when the lily trembled and actually moaned, well, my exhilaration knew no bounds. I hadn't expected anything like that! My fondest hopes were realised. I forgot my physical pains and the desperate impulses I had had to sever the growth from my body. Instead, I fondly nourished it and was terribly afraid to transplant the specimen for fear it might die before thousands could see it and gasp at its super-excellence.

But my glory was soon to end, for today, when the bloom was at the apex of its beauty, I realised that my death was imminent, that it was only a matter of a few hours. My glorious parasite had sucked me dry! Also there seemed to be definitely ensuing a certain weakness on the part of the lily. Its fate, of course, was linked with my own. Therefore, I could hardly wait to get home and rejuvenate it.

I quickly procured a quart of blood which I placed in the glass vase. Then I cut the basic stem of the plant from my arm and placed the twig in the vase. I chose glass because I wanted the observer to know that the lily was in blood instead of water. Thus nourished, the flower may last a week or so.

So, my beloved friend, take it back to the show. I want thousands and thousands to behold it and sing its praises. Do not fail me, I beg of you. I am failing fast it is the end”.

Such was Carl's amazing revelation concluding with a pathetic apology for having caused me so much trouble. Trouble indeed! The least I could do now for my dear friend was to loyally carry out his last wish.

So, the next day, with heavy heart, I took the moaning lily back to the Grand Central Palace where I placed it in lone grandeur on a table, its majestic splendour flaring conspicuously from the tall, glass vase.

Heretofore, when the monk held the flower, some trick of ventriloquism had been suspected by some sceptical spectators. But now that the monk was dead, all were convinced that the lily really moaned all by itself. And just as Carl wished, thousands came to gaze upon it, to listen and to wonder.

Then, on the seventh day, the flower began to fade. It shrank rapidly in size and the observers drew close, as usual. Then suddenly, while they were watching, the "red lips" opened wide in one last spasm of life, synchronously emitting an unusually long moan, a miserable sound that could be heard for yards distant. The people recoiled, instantly drew back, frightened of they knew not what, some of the superstitious actually crossing themselves religiously.

Finally, the flower gave one last quiver and collapsed centrally into a crinkling mass of folds, its whole weight sagging down over its stout brown stalk. The miracle was no more. But the fame of Carl Brense and his super-blossom spread all over the globe. But of what avail to him who had perished? The Indian fanaticist walking with bare feet over coals of fire and jagged knives had nothing on *him*, my poor demented friend who had plodded heavily about

through long tortuous months in his stifling black mantle zealously guarding his precious moaning lily.

### REFERÊNCIAS

VANNE, Emma. A Sixth Sense. *In: VANNE, Emma et al. Wonder Stories*. New York, USA: Stellar Publishing, July, 1935.

VANNE, Emma. The moaning lily. *In: VANNE, Emma et al. Wonder Stories*. New York, USA: Stellar Publishing, may, 1935.